

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
ESPECIALIZAÇÃO – RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS:
POLÍTICA DE IGUALDADE RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

RAQUEL CRISTINA COELHO

**DA REALIDADE À FICÇÃO: A QUESTÃO DA RELIGIÃO E DA MISCIGENAÇÃO
NO FILME TENDA DOS MILAGRES**

**JUIZ DE FORA
2017**

RAQUEL CRISTINA COELHO

**DA REALIDADE À FICÇÃO: A QUESTÃO DA RELIGIÃO E DA MISCIGENAÇÃO
NO FILME TENDA DOS MILAGRES**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-graduação
em Religiões e Religiosidades Afro-
Brasileira: Política de Igualdade Racial em
Ambiente Escolar da Universidade Federal
de Juiz de Fora, sob orientação da
professora Dra. Bárbara Simões Daibert.**

**JUIZ DE FORA
2017**

Raquel Cristina Coelho

DA REALIDADE À FICÇÃO: A QUESTÃO DA RELIGIÃO E DA MISCIGENAÇÃO NO
FILME TENDA DOS MILAGRES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista na área de Religiões e Religiosidades Afro-brasileiras: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Dra. Bárbara Simões Daibert – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Robert Daibert Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora

Ojuobá ia lá e via

Ojuobahia

Xangô manda chamar Obatalá guia

Mamãe Oxum chora lagrimalegria

Pétalas de Iemanjá Iansã-Oiá ia

Ojuobá ia lá e via

Ojuobahia

(Milagres do povo - Caetano Veloso)

RESUMO

O presente artigo tem por base a interpretação do filme "*Tenda dos milagres*" (1977), dirigido por Nelson Pereira dos Santos e baseado na obra homônima de Jorge Amado. O objetivo é chamar atenção para o uso do cinema na educação e sua trajetória até os dias atuais. Neste sentido, essa relação faz uso da capacidade que o cinema tem de capturar detalhes, indícios sobre o mundo, as lutas da vida diária, lutas sociais e políticas que se expressam no cinema, o que fica evidente ao analisarmos o filme "*Tenda dos milagres*" que expõe as questões culturais da época em que foi produzido, mas acima de tudo abre discussão sobre a nossa sociedade ao debater o racismo, a intolerância religiosa e a formação cultural do povo brasileiro. Com relação à essa criação, colocamos aqui a discussão de como podemos debater a imagem do negro no cinema, quais foram os estereótipos construídos sobre a população afrodescendente e também com relação à religião por vezes voltada a ideia da feitiçaria, do místico que pesam como pejorativo e acabam se perpetuando no senso comum. Quando falamos da religião, temos que levar em conta a história do Brasil e a vinda dos africanos para as terras brasileiras, e a religião como forma de manter viva a cultura de um povo, como coloca Prandi (2000) "[...] a religião negra que se refez na Bahia e outros lugares é uma reconstituição não apenas da religião africana, mas de muitos outros aspectos culturais da África original." Sua justificativa se dá mediante a necessidade de ampliação de temas e fontes para uma ampla análise junto à prática pedagógica, partindo da discussão sobre a formação de conceitos pré-estabelecidos. É nesse ponto que temos então um vasto material para a prática pedagógica, pois essa necessidade de conhecer e analisar os clássicos, não só da literatura, mas também do cinema, aqui o cinema nacional, através de perguntas em busca de respostas para determinados assuntos, no nosso caso o debate está voltado para a questão do racismo e da intolerância religiosa, sendo combatido através do conhecimento da formação do povo brasileiro e da nossa cultura, colocando em prática a Lei 10.639/03.

Palavras chaves: Cinema. Intolerância religiosa. Educação.

ABSTRACT

This article is based on the interpretation of the movie "Tent of miracles" (1977), directed by Nelson Pereira dos Santos and based on the homonymous work by Jorge Amado. The goal is to draw attention to the use of cinema in education and its trajectory to the present day. In this sense, this relation makes use of the capacity that the cinema has to capture details, clues about the world, the struggles of daily life, social and political struggles that are expressed in the cinema, which is evident when analyzing the movie "Tent of miracles". Which exposes the cultural issues of the time in which it was produced, but above all opens discussion about our society in discussing racism, religious intolerance and the cultural formation of the Brazilian people. With regard to this creation, we put here the discussion of how we can debate the image of the black in the cinema, what were the stereotypes built on the afrodescendant population and also with respect to religion sometimes turned to the idea of witchcraft, the mystic that weigh as pejorative and end up perpetuating common sense. When we speak of religion, we have to take into account the history of Brazil and the coming of Africans to Brazilian lands, and religion as a way of keeping the culture of a people alive, as Prandi (2000) "[...] The black religion that has been remade in Bahia and elsewhere is a reconstitution not only of the African religion, but of many other cultural aspects of the original Africa." Its justification is given by the need to expand themes and sources for a broad analysis with pedagogical practice, starting from the discussion about the formation of pre-established concepts. At this point we have a vast material for pedagogical practice, since this need To know and analyze the classics, not only of literature but also of cinema, here the national cinema, through questions in search of answers to certain subjects, in our case the debate is focused on the issue of racism and religious intolerance, being combated through the knowledge of the formation of the Brazilian people and our culture, putting into practice Law 10.639 / 03.

Keywords: Cinema. Religious intolerance. Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. A HISTÓRIA DO CINEMA E A RELAÇÃO COM A PESQUISA E UTILIZAÇÃO EM SALA DE AULA	08
3. O AUTOR E O CINEASTA - UMA BREVE APRESENTAÇÃO	12
4. TENDA DOS MILAGRES: A TENDA DA MISCIGENAÇÃO	15
5. A RELIGIÃO COMO FORMA DE PRESERVAR A CULTURA	17
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21
ANEXOS	23

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por base a interpretação do filme "*Tenda dos milagres*" (1977), dirigido por Nelson Pereira dos Santos e baseado na obra homônima de Jorge Amado. É necessário destacar que o mesmo estaria inserido em inúmeras discussões sobre preconceito, identidade afro-brasileira e intolerância religiosa, sendo material para debate em sala de aula dos mais diversos temas.

Neste sentido, busco colocar aqui a interação em sala de aula e o cinema, partindo dele para a compreensão da necessidade de discutir e de conhecer a cultura afro-brasileira, tendo o cinema como veículo de acesso ao debate.

Cabe chamar atenção para o uso do cinema na educação e sua trajetória até os dias atuais. Para tanto é necessário entender a história do cinema e como ele serviu e serve de veículo condutor entre a literatura, a história e a sociedade.

Outro ponto que será analisado aqui é a importância de conhecer a produção cinematográfica de determinado período, no presente artigo vamos trabalhar com o Cinema Novo e a concepção que os cineastas tinham do Brasil na década de 1970, período pós AI - 5¹, onde a censura perseguia as produções culturais realizadas no país.

Vale salientar que em entrevista Nelson Pereira dos Santos deixa claro que pretendia fazer um filme que estivesse mais próximo ao povo, mais popular "A proposição de se fazer um cinema popular é um problema antigo, não é só meu. [...] é, o cinema que está a favor do povo e de suas reivindicações." (SILVA NETO, 2002, p.785) e acrescento aqui que no momento atual onde o racismo se faz crescente, as perseguições e intolerâncias religiosas estão ganhando poder sobre as religiões de matriz africana, o filme não é só popular, mas sim atual pois convida, quem assiste, para um debate, para o questionamento dos dias atuais, é como coloca Marc Ferro "Ele não vale somente como aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza" (FERRO, 1992, p.87) e no nosso caso essa abordagem estará pautada na cultura afro - brasileira da cidade de Salvador da década de 1970.

¹ "O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985)." Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em: 04 nov. 2016.

Dentro da análise fílmica o objetivo é trazer a discussão sobre como utilizá-lo em sala de aula e qual a necessidade real dos professores aprenderem a trabalhar efetivamente com o cinema em suas aulas, não como um momento de lazer, ou só como mais um material de apoio pedagógico, mas sim como material para um amplo debate e pesquisa.

2 - A HISTÓRIA DO CINEMA E A RELAÇÃO COM A PESQUISA E UTILIZAÇÃO EM SALA DE AULA

Utilizar o cinema como objeto de análise está cada vez mais em evidência no meio acadêmico, não só em publicações, mas em congressos e simpósios de história, educação, psicologia, etc. Existe uma discussão sobre o mesmo, principalmente quando se trata de analisar acontecimentos recentes da história. Como é observado por Michèle Lagny:

A utilização do filme pelo historiador, por longo tempo inconcebível e em seguida admitido formalmente, parece constituir doravante o objeto de uma tendência cujo sucesso é crescente, visto que mais do que nunca, todos, cineastas na frente, mas também sociólogos, etnólogos, filósofos e historiadores, afirmam a estreita relação entre o cinema e a história (LAGNY, 2009, p. 99).

O cinema em sua relação com a história, psicologia e demais áreas do conhecimento pode trazer informações substanciais sobre a validade e a eficácia das diversas formas de narrativas, sobre o lugar de ficção e da reconstituição na investigação da verdade. Neste sentido, essa relação faz uso da capacidade que o cinema tem de capturar detalhes, indícios sobre o mundo, as lutas da vida diária, lutas sociais e políticas que se expressam no cinema, o que fica evidente ao analisarmos o filme *Tenda dos milagres* que expõe as questões culturais da época em que foi produzido, mas acima de tudo abre discussão sobre a nossa sociedade ao debater o racismo, a intolerância religiosa e a formação cultural do povo brasileiro.

Não há como contestar, nos dias de hoje, que os meios de comunicação ganharam força e estão, cada vez mais, tomando espaço na vida das pessoas que, por sua vez, estão contando a história. O cinema e a televisão “se tornaram, [...] o principal meio para transmitir as histórias que nossa cultura conta para si mesma – quer elas se desenrolem no presente ou no passado, sejam elas factuais, ficcionais ou uma combinação das duas coisas” (ROSENSTONE, 2010, p. 19).

Desta forma, procura-se entender como a história será passada, como será dada a interpretação, a que direções ela levará os que assistem aos filmes e documentários e como os elementos e as imagens serão observados e compreendidos. Conforme coloca Angel Luis Huseo Montón:

Um dos contra-sensos mais gigantescos no que cai a sociedade contemporânea foi o de não dar às crianças e aos jovens meios adequados para poder valorizar essas imagens com as quais convivem; ensinamos-lhes a interpretar a palavra escrita, mas

não lhe damos os rudimentos mínimos para “ler” as imagens. Isso se deve talvez a uma forte tradição social que desenvolveu certo desprezo ante esse tipo de imagens e que teria o seu fundamento na consideração de mero espetáculo que as rodeou desde o nascimento, o qual sendo um fator real e que não se pode deixar de lado, não deveria impedir que se facilitasse aos seus consumidores ferramentas mínimas para poder interpretar aquilo que se lhes oferece perante o seu olhar (HUSEO MONTÓN, 2009, p. 33).

Dentro dessa observação feita pelo autor, deve-se considerar que esta mensagem será passada a um grande número de pessoas que, por muitas vezes, não saberá como interpretá-la, aceitando-a na obra como verdadeira, sem questionar. O que torna o trabalho de análise dos filmes algo muito sério e que os pesquisadores, professores e historiadores não devem abandonar, pois há neles um discurso, uma imagem que reforça esse discurso:

Quando um filme é apresentado ao público, ele surge como resultado de uma intertextualidade que combina diferentes linguagens: textos orais – a palavra falada ou cantada -, escritos – letreiros e legendas – e visuais – a própria imagem projetada, os cartazes publicitários, a propaganda de jornais, entre outros. Na interseção entre elas, surgem nos filmes personagens que muitas vezes podem ser fictícios, mas onde as cenas vividas são “reais”, pois as relações sociais e o mundo representado na tela foram retirados da própria sociedade. É justamente essa riqueza e multiplicidade de linguagens que vem despertando a atenção dos historiadores (SOARES; FERREIRA, 2001, p. 11).

O cinema trabalha com as imagens e ao mesmo tempo com sons, não só com canções que marcaram época, mas também sons responsáveis por criarem sensações “[...] o valor estético do binômio imagem-som, o faz dizer, às vezes, mais do que aquilo que mostra imediatamente” (LAGNY, 2009, p. 99), revelando sentimentos, angústias, expectativas, dentro da concepção e da criação do cineasta como ressalta Frederic Jameson:

Por sua própria natureza, o som e a imagem necessariamente envolvem diferenciação; apenas o tom natural único – a pedra que se ouve através da monotonia peculiar de uma gota de água que cai, ou “o verde tão belo que nos machuca” – tem o poder de prender a atenção sensorial por algum tempo e, até certo ponto, de fascinar. A produção humana deve acontecer em pares, sob forma de contrastes articulados; mas, é claro, assim temos dois em vez de apenas um (JAMESON, 1995, p. 3).

Dentro deste binômio as imagens acabam criando memória e estas acabam sendo fixadas pelo cinema dentro de uma estética que marca e que faz lembrar, como deseja o cineasta, sempre dentro de seu estilo é o trabalho com a imagem e som para criar significado.

Com relação à essa criação colocamos aqui a discussão de como podemos debater a imagem do negro no cinema, quais os estereótipos construídos e com a relação à religião a ideia da feitiçaria, do místico que pesam como pejorativo e que se perpetuam no senso comum. O que se pretende ao usar o cinema como base é despertar no aluno o debate, a análise e a interpretação da obra o que requer vasta pesquisa.

No Brasil a possibilidade de utilizar os filmes em sala de aula foi analisada no período do Estado Novo (Era Vargas), tendo em vista que o cinema já estava em interação com o público. Uma ideia que não estava surgindo no Brasil, mas que já havia sido pensada como recurso pedagógico em outros países como a França (1910), no Congresso Internacional de Educação, em Bruxelas, quando o uso do cinema foi discutido. Com foco nessa linha de pensamento, o cinema nacional voltou sua produção para os cinejornais e documentários e para a necessidade de um cinema educativo no Brasil, tendo na figura do professor Jonathas Serrano um defensor desse tipo de produção.

Só que mais uma vez a realidade brasileira não permitiu, em um primeiro momento, a estruturação desse projeto por vários motivos técnicos e financeiros, pois seria necessário comprar equipamentos e dar treinamento aos professores, para tal a exemplo do que aconteceu nos Estados Unidos e na Itália, era preciso a participação do Estado, o que só ocorreu pouco tempo depois no Brasil.

Para que o cinema educativo acontecesse no Brasil o Estado deveria intervir e sendo assim o cinema acabou servindo “[...] aos propósitos do Estado, notadamente à integração nacional, à centralização da ação governamental e a difusão da ideologia nacionalista” (LEITE, 2005, p. 38).

Trata-se da década de trinta, um período em que a intervenção do Estado e seu poder centralizador, acabaram alcançando a cultura e o cinema. Este foi encarado como um aparelho de propaganda poderoso, para a construção de um Estado Nacional, de um povo e de um projeto de nação, como salienta Angela de Castro Gomes:

Mas o esforço educativo do Estado Nacional ultrapassava as fronteiras do ensino sistemático, engajando – se também em uma dimensão cultural de valorização e de preocupação com a arte nacional: “*O Estado Nacional, que visa construir o povo brasileiro, tendo um sentido integral, tem, neste incluído um sentido estético. Quer, pois, não só o justo, o bom, o verdadeiro, mais ainda o belo*” (GOMES, 2005, p. 244).

O desejo do Estado em propagar seus ideais e a utilização do cinema como instrumento pedagógico, permitiu que a aproximação e sua interferência fossem reais. Educadores e também cineastas aderiram à ideia de ter o Estado como aliado, ter o Estado como mecenas (LEITE, 2005, p. 39). Entre esses nomes está o de Humberto Mauro que fez parte do INCE fundado em 1936, mas a relação entre estado e cinema começou bem antes, em 1932 quando da implementação da lei de obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais, que contribuiu para a produção de cinejornais e documentários.

A produção do INCE foi intensa, mas sempre aliada às ideias do Estado. Esses filmes educacionais tinham temas variados e todo processo era feito pelo próprio Instituto. Porém, depois de 1937, o cinema passou a ser utilizado como máquina de propaganda política do Estado Novo e esteve impregnado de símbolos e de mitos. Temas que fossem contra o Estado deveriam ser deixados de lado, surgindo em 1939 o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) um aparelho de controle das produções, que controlava por meio da censura os meios de comunicação.

Das diversas fases que o cinema nacional passou e das dificuldades e censuras a ele impostos, manteve-se o interesse por sua utilização como ferramenta didática, mas sempre tendo a preocupação com os caminhos metodológicos escolhidos pelo professor ao tratar determinado tema ou como coloca Mocellin:

É a educação para os meios de comunicação, com a finalidade do letramento midiático, que permitirá ao aluno ir além dos conteúdos manifestos, fazer uma "análise do discurso" daquilo que é apresentado: ser letrado para as mídias significa ter habilidade de entender tanto as potencialidades quanto as limitações de cada meio, de captar nos discursos o que é dito, como é dito, de distinguir "realidade" de "construções", descortinando ideologias explícitas ou implícitas. (MOCELLIN, 2009, p. 37)

Dentro desta análise é possível ver como o filme de Nelson Pereira dos Santos serve de material para amplo debate de nossa sociedade, não só a sociedade da década de 1970, período em que o filme foi lançado, como também da sociedade contemporânea que ainda se vê impregnada por racismo e intolerância religiosa.

3 - O AUTOR E O CINEASTA - UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Em primeiro momento se faz necessário contextualizar a obra literária, o texto foi publicado por Jorge Amado² em 1969 e que traz em sua estrutura um debate sobre a influência da cultura africana na Bahia, onde ele expõe a culinária, a religião (candomblé) e uma crítica ao discurso racista que tentava provar que a miscigenação enfraqueceria a "raça", de tal forma que não poderia ser tolerada.

A obra faz um contraponto entre o personagem de Pedro Archanjo (mulato, pobre, intelectual e bedel da Faculdade de Medicina da Bahia) e o professor da Faculdade de Medicina Nilo Argolo, como é recorrente na obra de Jorge Amado, o autor se baseava em personagens reais e, neste acaso, Pedro Archanjo seria Manuel Raimundo Querino, um intelectual afrodescendente, pintor, escritor, líder abolicionista e pioneiro nos registros antropológicos da cultura africana na Bahia e o médico Nina Rodrigues³. E é partindo desse contexto, que tem o Pelourinho e a Faculdade de Medicina da Bahia como

² "Jorge Amado nasceu a 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, no distrito de Ferradas, município de Itabuna, sul do Estado da Bahia. Filho do fazendeiro de cacau João Amado de Faria e de Eulália Leal Amado. Publicou seu primeiro romance, *O país do carnaval*, em 1931. Casou-se em 1933, com Matilde Garcia Rosa, com quem teve uma filha, Lila. Nesse ano publicou seu segundo romance, *Cacau*. Formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1935. Militante comunista, foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina. Ao voltar, em 1944, separou-se de Matilde Garcia Rosa. Em 1945, foi eleito membro da Assembleia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo sido o deputado federal mais votado do Estado de São Paulo. Jorge Amado foi o autor da lei, ainda hoje em vigor, que assegura o direito à liberdade de culto religioso. Nesse mesmo ano, casou-se com Zélia Gattai. Recebeu títulos de Comendador e de Grande Oficial, nas ordens da Venezuela, França, Espanha, Portugal, Chile e Argentina; além de ter sido feito Doutor Honoris Causa em 10 universidades, no Brasil, na Itália, na França, em Portugal e em Israel. O título de Doutor pela Sorbonne, na França, foi o último que recebeu pessoalmente, em 1998, em sua última viagem a Paris, quando já estava doente. Jorge Amado orgulhava-se do título de Obá, posto civil que exercia no Ilê Axé Opô Afonjá, na Bahia. Jorge Amado morreu em Salvador, no dia 6 de agosto de 2001. Foi cremado conforme seu desejo, e suas cinzas foram enterradas no jardim de sua residência na Rua Alagoinhas, no dia em que completaria 89 anos." Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75. Acesso em 20 nov. 2016.

³ "Nina Rodrigues escreveu em 1896, diversos artigos para a Revista Brasileira relacionados com estudos etnográficos do fetichismo dos negros baianos que abarcavam assuntos como teologia, liturgia e cerimônias religiosas. Mais tarde, em 1901, esses artigos formariam a coletânea *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Esses estudos demonstram não apenas a influência do empirismo científico em seus trabalhos, mas também, traçavam um novo curso para a antropologia brasileira, o da etnografia. Bom frisar que apesar da importância dos trabalhos de Nina Rodrigues na constituição dos primeiros estudos sobre o negro em território nacional, sua vertente foi constantemente trabalhar a antropologia para determinar as peculiaridades culturais com o intuito de demonstrar a inferioridade racial. Nina Rodrigues escreveu artigos tanto na *Gazeta Medica da Bahia* quanto no *Brasil Médico*. Muitos desses artigos discutiam a questão criminal em que questionava a igualdade na implementação da lei penal – as “raças inferiores” não possuem capacidade para guiarem-se livremente. Com essa afirmação argumentava contra o livre arbítrio e pedia uma reformulação das leis penais. Reivindicava também uma maior autonomia à medicina legal, bem como reforçava o vínculo com os bacharéis do direito." (ARAÚJO, 2007). Disponível em: <<http://www.ufpa.br/nupe/artigo9.htm>. Acesso em: 20 nov. 2016.

cenário, que se dá o desenrolar do conflito que vai desde questões racistas à intolerância religiosa⁴.

O diretor do filme é Nelson Pereira dos Santos considerado um dos precursores do movimento Cinema Novo que surgiu no final da década de 1950. A concepção dos cineastas do Cinema Novo era a de uma produção mais próxima do real, já que tinha o objetivo de denunciar a realidade e a condição de alienação do povo, usando o cinema como um mecanismo de mudança. Este movimento não era isolado e não acontecia só no Brasil, era um movimento que estava acontecendo em vários países da América Latina como coloca Patrícia Ferreira Moreno:

Nessa perspectiva, investigamos os discursos engendrados em uma forma particular de engajamento político na produção cinematográfica latino-americana surgida no decorrer dos anos de 1960 e início da década de 1970. Temas ligados aos problemas comuns dos povos da América Latina, como a exploração colonial, a descolonização, o neocolonialismo, o subdesenvolvimento e alienação foram recorrentes nessas produções (MORENO, 2010, p. 74).

Nesse momento, o que estava sendo discutido no Brasil era a questão da reforma agrária, a questão do poder dos latifundiários, dentro da história do país esse setor agrário seria a causa do atraso. Essa questão que estava em pauta nos trabalhos de Celso Furtado, no ISEB⁵ e que era discutida por vários setores e defendida por muitos, foi colocada por filmes como *Vidas Secas* (1963), que retomou a discussão a partir da literatura de Graciliano Ramos, que é considerado por muitos especialistas o melhor filme de Nelson Pereira dos Santos.

Esse cinema de denúncia sofreu um golpe, o Golpe de 64, que mudou o olhar do cinema, que até então estava voltado para o universo rural e passou a olhar para o urbano,

⁴ Jorge Amado é autor da Lei de liberdade de culto que foi inserida na Constituição Brasileira de 1988 no artigo 5º incisos VI e VIII:

Capítulo I

I - DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS (ART. 5º)

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

[...]

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Disponível

em:

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/constfed.nsf/fc6218b1b94b8701032568f50066f926/54a5143aa246be25032565610056c224?OpenDocument>. Acesso em 16 out. 2016.

⁵ "O ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) foi criado pelo Decreto nº 37.608, de 14 de julho de 1955, como órgão do Ministério da Educação e Cultura." Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/ISEB>. Acesso em 08 nov. 2016.

para o intelectual, preso em um universo de repressão, como pôde ser visto em *O desafio* (1965) de Paulo César Saraceni e *Terra em transe* (1967) de Glauber Rocha. O golpe marcou a produção cinematográfica no país. Foram anos conturbados para o cinema, principalmente depois do ato Institucional nº 5 (AI 5) que instituiu uma rígida censura sobre o cinema nacional.

E é nesse cenário que Nelson Pereira dos Santos produziu "*Tenda dos Milagres*" (1977) que coloca em discussão a formação e a identidade brasileira, pautando - se na Bahia (Salvador) que é cenário do filme, mas no debate da miscigenação e na perseguição aos praticantes de candomblé, assim como no uso da violência para reprimi-los.

4 - TENDA DOS MILAGRES: A TENDA DA MISCIGENAÇÃO

Trabalhar com o filme *Tenda dos Milagres* em sala de aula para abordar temas como miscigenação, racismo e intolerância religiosa é ter como material didático o rico cenário da cidade de Salvador, que mesmo para quem não o conhece pessoalmente já teve a oportunidade de ver imagens na televisão, imagens de carnaval, da tradicional lavagem da escadaria da Igreja do Bonfim, dos ritmos que agitam as rádios no carnaval, da malemolência do baiano, do sorriso da baiana do acarajé, do Olodum, do gingado do capoeirista e é claro do sincretismo religioso e da força do candomblé. Ou seja, mesmo quem não teve o prazer de estar na Bahia já conhece através da mídia algum detalhe sobre Salvador, já batucou ou cantarolou alguma música de Caetano, de Gil ou mesmo já se emocionou ao ouvir Bethânia e muitas vezes não se deu conta de que essas canções e todos esses demais elementos estão ligados à religião, ao candomblé.

Não se pode deixar de levar em conta a figura do autor da obra Jorge Amado, intelectual baiano renomado, conhecido no mundo inteiro e adepto do candomblé, assim como no filme o personagem Pedro Archanjo, que tem como missão conservar e transmitir a cultura africana através de seus textos, Jorge Amado buscou fazer o mesmo em sua trajetória como escritor, passar para as gerações futuras a riqueza da culinária, da dança, dos ritmos e da religião.

No filme as pesquisas de Pedro Archanjo são feitas valorizando a tradição oral, é através da oralidade que se preserva a memória buscando com as pessoas mais velhas as receitas, pois entre suas produções está um livro de culinária. Podemos dizer que: "Toda a sabedoria e difusão destas tradições, em sua grande maioria, é transmitida oralmente de geração em geração, seja através dos laços consanguíneos, seja pelo ensinamento dos mestres populares." (MONTEIRO, 2013, p. 1)

Já com relação à religião, além da busca pelos depoimentos e conselhos, o próprio Pedro Archanjo é íntimo do candomblé, pois ele é o *ojuobá* (os olhos de Xangô)⁶, dentro dessa questão religiosa e do significado de ser o *ojuobá* está pautado todo o comportamento

⁶ "Ojuobá é uma palavra de origem Yorubá, cujo significado é "Os Olhos do Rei" ou então "Os Olhos de Xangô". Refere-se diretamente ao culto prestado ao Orixá Xangô. É, portanto, um Oyê, que significa um título de honra que é concedido aos altos sacerdotes que são considerados dignitários do culto de Xangô na África. Entre os sacerdotes brasileiros que receberam este título, destacam-se: Hilário Remídio das Virgens (1884 – 1970) na Bahia e o franco-brasileiro Pierre Fatumbi Verger (1902 – 1996) que recebeu o título através de Mãe Senhora." Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/ojuoba>. Acesso em 16 dez. 2016.

de Pedro Archanjo, pois ao se evocar os "Olhos de Xangô" se evoca a justiça, a harmonia, o que passa a ser a função de Pedro Archanjo durante toda a sua vida, fazer justiça, trazer para discussão a miscigenação e a valorização da cultura negra na sociedade baiana.

Pedro Archanjo não é um personagem comum, ele é bedel da Faculdade de Medicina da Bahia, pesquisador da cultura africana, é mulato, paisano, pobre e que se relaciona com os mais diversos setores da sociedade baiana, porém cabe salientar que não é Pedro Archanjo que narra sua vida em uma autobiografia, mas sim Fausto Pena, um jornalista contratado para fazer as pesquisas sobre a vida de Pedro Archanjo, que foi descoberto e valorizado pelo renomado professor americano James D. Livingstone, prêmio Nobel, que chega à Bahia em 1978, e que declara à imprensa e à TV: “Vim conhecer a terra de Pedro Archanjo, um dos maiores cientistas sociais do mundo”.

E é assim que o esquecido Pedro Archanjo, até então relegado a segundo plano pela história oficial dos intelectuais da Bahia, se transforma em herói pela imprensa, da noite para o dia. Sendo assim a vida de Pedro Archanjo é apresentada em fases que vai da pesquisa junto ao seu povo para a coleta de dados, da produção literária à prisão em sua luta contra o racismo, de seu fim como um homem já idoso, pobre e esquecido que morre em uma das ruas do Pelourinho, mas que ressurge na comemoração de seu centenário graças ao reconhecimento de seu trabalho por um cientista estrangeiro.

E se ele bebeu no poço do saber popular, também o fez no poço do saber erudito; se frequentou a "universidade popular do Pelourinho", também frequentou a biblioteca da Faculdade de Medicina. Por isso ele é reconhecido ao mesmo tempo como pessoa simples do povo e como cientista de saber comprovado. E, como dissemos, em Archanjo não coexistiam dois mundos diferentes e em conflito, dois homens, um preto e um branco: ele é apenas um, um único homem, um mestiço, mistura do preto e do branco, da Europa e da África. (MANZATTO, 1994, p.168)

Trazendo novamente para o debate a questão do racismo, da miscigenação e da fé em uma narração que trabalha com o passado e o presente, cada qual fazendo sua pesquisa seja ela a pesquisa de Pedro Archanjo sobre a cultura africana ou a do jornalista Fausto Pena em busca do personagem histórico Pedro Archanjo em um indo e vindo constante na narração.

5 - A RELIGIÃO COMO FORMA DE PRESERVAR A CULTURA

Quando falamos da religião temos que levar em conta a história do Brasil e a vinda dos africanos para as terras brasileiras e a religião como forma de manter viva a cultura de um povo, como coloca Prandi (2000, p.61) "[...] a religião negra que se fez na Bahia e outros lugares é uma reconstituição não apenas da religião africana, mas de muitos outros aspectos culturais da África original."

E nessa tentativa de manter a cultura e o laço com a África e seus ancestrais novamente, a oralidade e transmissão dessa cultura de geração em geração se fez presente, mas a figura de Pedro Archanjo vem discutir que ele não pode ser somente oral deve ser documentada, e quando se torna material, de pesquisa, ganha força, ganha espaço e reconhecimento, mesmo que tardio, pois pode ser revisitado, como foi a obra de Archanjo pelo cientista americano levando a um novo debate sobre a história.

É nesse ponto que temos então um vasto material para a prática pedagógica, pois essa necessidade de conhecer e analisar os clássicos, não só da literatura, mas também do cinema, aqui o cinema nacional, fazendo perguntas em busca de respostas para determinados assuntos, no nosso caso a discussão segue em direção a trazer para debate a questão do racismo e da intolerância religiosa através do reconhecimento da formação do povo brasileiro e da formação de nossa cultura, produz mudanças de comportamento como a implantação da Lei 10.639/03, como coloca Rocha:

Para minar esse processo de discriminação e desqualificação das expressões culturais afro-brasileiras pela sociedade, a escola tem um papel importantíssimo a cumprir: disseminar conhecimentos, desqualificando aqueles que contribuíram para estigmatizar historicamente as manifestações de matrizes africanas ressemantizadas em terras brasileiras, especificamente aquelas que dizem respeito à religiosidade. (ROCHA, 2013, p. 3)

O candomblé como coloca Prandi, é uma "[...] criação brasileira, estruturou-se como esta família iorubá. O grupo de culto é dirigido por um chefe, masculino ou feminino, com autoridade máxima, e o orixá do fundador ó o orixá comum daquela comunidade [...]" (PRANDI, 2000, p. 61).

O candomblé é tratado no filme como o foco da resistência, pois ,mesmo sendo a religião perseguida até mesmo pela polícia que tem por objetivo impedir a realização das

cerimônias e a destruição dos terreiros, encontra resistência e depara com a força e a união de seus praticantes e que liderados por Pedro Archanjo não se deixam prender, é na cena do terreiro onde o delegado Pedrito invade e tenta prendê- los que Pedro Archanjo, já orientado pela mãe - de - santo invoca Exu e Ogum, fazendo com que os policiais sejam perseguidos por outro policial e daí a notícia de que *ojuobá* colocou os policiais para correrem com a ajuda dos orixás se espalha dando espaço para o debate sobre o candomblé.

Como pode um homem da ciência acreditar em orixás? Essa é a indagação que vem trazer para o debate que ao ser *Pedro Archanjo e ojuobá* , um não deixa de lado o outro, a ciência convive muito bem com a cultura, e esses bens culturais têm a obrigação de defender e passar adiante em seus textos. O que mostra claramente que o candomblé faz parte da cultura que deve ser passada de geração em geração, não só para os afrodescendentes, mas é a cultura de um povo, de um povo miscigenado, do povo brasileiro.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer para a nossa discussão o cinema e tendo como cenário a Bahia (Salvador) e a cultura afro - brasileira em uma obra de 1977, baseada na literatura de Jorge Amado, o que temos como material de trabalho é uma gama enorme de temas que podem ser tratados por diversos eixos. Temas como a questão da pesquisa de Nina Rodrigues e a difusão de concepções em torno da "inferioridade" racial e como essa concepção foi tratada e é tratada até hoje nas pesquisas sobre a formação da sociedade brasileira, como se deu o olhar para a miscigenação.

Em outro ponto temos a discussão sobre a formação do próprio Pelourinho, sua história e ocupação pelos descendentes de escravos, hoje o espaço é patrimônio da humanidade, mas no início do século XIX era o abrigo dos mais pobres, lugar de dança, bebedeiras e também das irmandades. Tão presentes nas obras de Jorge Amado.

Outro ponto é o debate sobre a questão dos nossos intelectuais afrodescendentes, poetas, pesquisadores na figura de Pedro Archanjo e a sua ligação com o candomblé, que para ele seria o elo de ligação para preservar os bens de cultura de seu povo. A valorização de nossa história, nosso povo e nossa cultura.

Cabe observar que, para um trabalho em sala de aula não se pode fazer somente a exibição do filme sem a prévia análise da obra. Ser professor requer a pesquisa e a análise do conteúdo. Pois podemos acabar presos no senso comum e no preconceito, como expõe Rosa Margarida de Carvalho Rocha:

Conceitos arraigados no modo de pensar e/ou a falta completa de informação de alguns educadores sobre as religiões de matrizes africanas não podem dificultar ou mesmo impedir as instituições escolares de promover a inclusão dos conteúdos curriculares relativos à História e Cultura Africana e Afro-brasileira, à Educação para as Relações Étnico-raciais, bem como à Promoção da Igualdade Racial. (ROCHA, 2013, p. 3)

São tantos os caminhos que podem ser explorados com o filme Tenda dos Milagres que apesar da pretensão do cineasta de fazer um filme popular, na verdade para um olhar mais atento e dentro de uma pesquisa apurada estamos diante de temas que não só eram tratados e retratados no passado, mas que nos dias atuais são presente e necessitam de amplo debate, das questões envolvidas com a religiosidade e preservação da cultura afro - brasileira. Nesse,

sentido o que temos aqui é só uma pequena contribuição e um desejo de que possamos trabalhar tais questões em sala de aula e que a liberdade religiosa, política e a valorização da pesquisa seja uma opção já no Ensino Fundamental, formando assim um povo consciente de sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Telmo Renato da Silva. *Raimundo Nina Rodrigues e a Questão Racial Brasileira no Século XIX*. Revista do Centro de Pesquisa e Extensão do Campus de Abaetetuba Universidade Federal do Pará. Ano 1, vol. 1, Pará, 2007. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/nupe/artigo9.htm>. Acesso em: 20 nov.. 2016.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL - *Capítulo I: Dos Direitos e Deveres individuais e coletivos*. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/constfed.nsf/fc6218b1b94b8701032568f50066f926/54a5143aa246be25032565610056c224?OpenDocument>>. Acesso em: 16 de out. 2016.

FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FGV CPDOC: *Fatos e imagens: artigos ilustrados de fatos e conjunturas do Brasil*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

FGV CPDOC: O Governo de Jucelino Kubitscheck. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/ISEB>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75. Acesso em: 20 nov. 2016.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUESO MONTÓN, Angel Luis. O homem e o mundo midiático no princípio de um novo século. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Org). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 29-58.

JAMESON, Fredric. *Marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

LAGNY, Michèle. O cinema como fonte de história. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Org). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 99-126.

LEITE, Sidney Ferreira. *Cinema Brasileiro: das origens à retomada*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

MOCELLIN, Renato. *História e cinema: educação para as mídias*. São Paulo: Editora Brasil, 2009.

MONTEIRO, Laís Bernardes. *O Jongo na cidade do Rio de Janeiro: diálogos e ressignificações no século 21*. Trabalho apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC, 2013. Disponível em http://www.labpac.faed.udesc.br/jongo%20na%20cidade%20do%20rio%20de%20janeiro_lais%20b%20monteiro.pdf. Acesso em 20 dez. 2016.

MORENO, Patrícia Ferreira. *Partes do mesmo: o cinema de autor na América latina ou O Terceiro Cinema latino-americano*. Caderno de Pesquisa Cdhis. Uberlândia, v. 23, n. 1, 2010. p.73 – 94.

PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro - brasileiro: etnia, identidade, religião*. Revista USP. n. 46, São Paulo, 2000.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *A Implantação Da Lei 10.639/03 no Currículo das Escolas Salesianas e a Questão das Religiões de Matrizes Africana*. 2013. Disponível em: <<http://www.salesianos.br/subsidios/artigo-a-implantacao-da-lei-10-63903-no-curriculo-das-escolas-salesianas-e-a-questao-das-religoes-de-matrizes-africanas>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SIGNIFICADOS BR: *O que é Ojuobá?* Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/ojuoba>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

SILVA NETO, Antônio Leão da. *Dicionário de Filmes Brasileiros*. São Paulo: A. L. Silva Neto, 2002.

SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge (Org). *A História vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANEXO A – Filmografia

TENDA DOS MILAGRES, 1977, Rio de Janeiro, RJ.

Ficha técnica: prd, dir e rot: Nelson Pereira dos Santos, baseado no romance homônimo de Jorge Amado; pre: Ney Sant’Anna; asd: Agnaldo Azevedo e Emmanuel Cavalcanti; adp: Luís Fernando Noel de Souza; spr: José Teixeira de Carvalho; adc e dia: Jorge Amado e Nelson Pereira dos Santos; dip: Albertino Nogueira da Fonseca; fot: Hélio Silva; asf: Sérgio Lins Vertis e Nonato Estrela; snd e sog: José Oswaldo de Andrade e Nonato Estrela; fcn: Rino Marconi; elc: Ulisses Alves Moura; elt: Arnold da Conceição e Sandoval Teixeira Dória; mqn: Geraldo Ferreira Tolentino, Edson Santos da Cruz e Sergipinho; cen: Tizuka Yamasaki; acn: Nil e Marco Antônio Soares; fig: Yurika Yamasaki; cnt: Ana Maria Miranda; maq e cab: Antônio de Souza Pacheco; rop: Maria Luisa Regis e Marina; mot: Caboclinho e Branco; mtg: Raimundo Higino e Severino Dadá; tls: Jards Macalé, Geraldo José e Nelson Pereira dos Santos; mus: Gilberto Gil; can; *Sem essa*; *Choro de Archanjo*; *Rancho de Kirsi*, de Ismael Silva; loc: Salvador, BA; cpr: Regina Filmes; dis: Embrafilme; colorido, 35mm, 142 min, gen: drama.

Elenco: Hugo Carvana, Sônia Dias, Anecy Rocha, Jards Macalé, Geraldo Freire, Laurence R. Wilson, Severino Dadá, Juarez Paraíso, Nildo Parente, Emmanuel Cavalcanti, Nilda Spencer, Jurema Penna, Jofre Soares, Washington Fernandes, Ana Maria Miranda, Elke Maravilha, Glória Oliveira, Dorival Caymmi, Anecy Rocha, Wilson Jorge Mello, Arildo Deda, Fernando Amado, Geová de Carvalho, Álvaro Guimarães, Jorge Amorim, Gildásio Leite, José Passos Neto, Manoel Bonfim, Maria Adélia, Janete Ribeiro da Silva, Ana Lúcia dos Santos Reis, Liana Maria Graff, Luís da Muriçoca, Guido Araújo, Menininha do Gantois e seu terreiro, Mãe Ruinhó de Bogum, Mirinha do Portão e seu terreiro, Terreiro do Opô Afonjá, Mestre Pastinha, Caribé, Professor Cid Teixeira, Jenner Augusto, Calazans Neto, Sante Scaldaferrri, Mirabeau Sampaio.

Sinopse: Bahia, início do século. Pedro Archanjo, bedel mulato da Faculdade de Medicina e ainda capoeirista, tocador de violão, cachaceiro e pai de muitas crianças com trêfegas mulatas, leva a peito a defesa da raça de seus ancestrais africanos. Contestando as ideias racistas dos catedráticos da Faculdade durante anos e anos, Archanjo percorre as ladeiras de São Salvador

recolhendo o secular conhecimento dos negros africanos. Imprime seus livros na precária tipografia de seu amigo Lídio Coró, na Tenda dos Milagres, lugar frequentado por artistas populares, artesãos, capoeiristas, filhos de candomblé, todos marginalizados pela sociedade da época. Nas suas pesquisas, Archanjo descobre que seu mais temível perseguidor, o catedrático Nilo Argolo de Araújo era de descendência negra, da qual se envergonha e procura esconder. Archanjo revela o fato e é expulso da Faculdade. Preso e, mais tarde, pobre e velho, vai morrer no “castelo” das prostitutas, que o socorrem nos seus últimos dias. Em 1978, chega à Bahia o renomado professor americano James D. Livingstone, prêmio Nobel, que declara à imprensa e à TV: “Vim conhecer a terra de Pedro Archanjo, um dos maiores cientistas sociais do mundo”. E é assim que o obscuro Pedro Archanjo, até então relegado a segundo plano pela história oficial, se transforma em herói pela imprensa, da noite para o dia. Um jornalista abraça o tema e realiza um filme sobre o personagem.

Comentários: “A proposição de se fazer um cinema popular é um problema antigo, não é só meu. Todo cineasta brasileiro quer fazer cinema popular, isto é, o cinema que está a favor do povo e de suas reivindicações. Não se pode confundir cinema popular com cinema comercial.” - depoimento de Nelson Pereira dos Santos. último filme de Anecy Rocha (1942-1977), irmã de Glauber Rocha e esposa de Lima Júnior. Ela morreu ao cair no poço do elevador do prédio onde residia no bairro de Botafogo, RJ, não chegando a ver o filme pronto. Sua estreia havia se dado no clássico *O menino de engenho*, em 1965, dirigido pelo próprio Lima Júnior. Prêmios: Melhor Filme, Prêmio “Air France de Cinema”, RJ, 1977; Melhor Filme, Diretor, Atriz Coadjuvante (Sônia Dias) e Trilha Sonora (Jards Macalé e Gilberto Gil), X Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, DF, 1977. (fop: d-2). (SILVA NETO, 2002, p. 785 e 786)